



## RESENHA:

### DEMOCRACIA PARA QUEM? ENSAIOS DE RESISTÊNCIA

Anna Clara Granado<sup>1</sup>

Maíra Indio do Brasil<sup>2</sup>

DAVIS, Angela. **Democracia para quem? ENSAIOS DE RESISTÊNCIA**/Angela Davis/Patricia Hill Collins/Silvia Federici. São Paulo: Boitempo, 2023.

*Democracia para quem? ENSAIOS DE RESISTÊNCIA* é uma obra que reúne palestras de três intelectuais feministas centrais para a história contemporânea: Angela Davis<sup>3</sup>, Patricia Hill Collins<sup>4</sup> e Silvia Federici<sup>5</sup>. Essas falas foram proferidas entre os dias 15 a 19 de outubro de 2019, durante o Seminário Internacional “Democracia em Colapso?”, promovido pelo SESC São Paulo em parceria com a editora Boitempo. A obra reúne o pensamento e reflexões críticas sobre os fracassos da democracia moderna e explora como as diferentes formas de opressão<sup>6</sup> comprometem a promessa de igualdade e justiça.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação no PPGedu - Processos formativos e desigualdades sociais da UERJ; Mestra em Educação pelo PPGedu - UFF/Niterói, RJ, graduada em Pedagogia pela UFF/Niterói, RJ. Membro atuante e participante dos grupos de pesquisa Seraphicus, GESDI, GEPCEB e OLÉ. Estuda sobre a História da Educação e das Mulheres, no período republicano, como tentativa de explorar a educação brasileira e novas personagens. Contato: [annaclaragranado@gmail.com](mailto:annaclaragranado@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação no PPGedu - Intelectuais, Juventudes, Educação Democrática da UFF; Pedagoga licenciada pela Faculdade de Educação (UFF-Niterói). Participante e colaboradora do Observatório da Laicidade na Educação (OLÉ), e também do Grupo de Pesquisas e Estudos sobre os Impactos do Conservadorismo na educação brasileira (GEPCEB). Contato: [mairadezerto@gmail.com](mailto:mairadezerto@gmail.com)

<sup>3</sup> Filósofa, ativista e escritora norte-americana. Nascida em 1944, Davis é mundialmente conhecida pelas suas contribuições nos debates sobre gênero, raça e classe. Proeminente dos Panteras Negras, luta contra a opressão policial, o sistema prisional e o racismo estrutural.

<sup>4</sup> Também norte-americana e nascida em 1948, Patricia Hill Collins é socióloga e acadêmica. Sua principal e mais conhecida contribuição é sobre a sociologia feminista negra, conhecido como *Pensamento Feminista Negro*, também refletindo sobre gênero, raça e classe, porém incorporando outros elementos nesta análise, como religião, idade, entre outros.

<sup>5</sup> Uma das principais referências no que diz respeito a um feminismo radical e marxista, Silvia Federici, é uma professora, socióloga e ativista feminista italiana, nascida na mesma década das demais, 1942. Pode-se dizer que seus principais trabalhos e sua grande contribuição é para se pensar a relação do trabalho doméstico e da reprodução social.

<sup>6</sup> Tais como o racismo, sexism, capitalismo etc.

A partir de seus campos de pesquisa, estas pensadoras fornecem uma análise mais aprofundada de ideias democráticas, incluindo temas como racismo, capitalismo, desigualdade, ecologia, papel das mulheres na sociedade e neoliberalismo. Embora provenientes de escolas teóricas distintas, Angela Davis, Patricia Hill Collins e Silvia Federici convergem ao evidenciar o papel da colonização na formação das estruturas sociais os privilégios resultantes dessa dinâmica — privilégios que perpetuam a supremacia masculina, em especial dos homens brancos.

Diante dessa estrutura desigual, as autoras nos convidam a questionar as contradições inerentes à democracia. Mais do que analisar o presente, seus trabalhos resgatam e dão visibilidade a histórias, teorias e perspectivas frequentemente esquecidas, revitalizando debates sobre o papel das mulheres na construção de sociedades mais justas e igualitárias. Por meio de suas contribuições, essas intelectuais não apenas desafiam os paradigmas vigentes, mas também ampliam o horizonte para pensar a resistência e a transformação social.

Angela Davis propõe uma democracia mais radical e inclusiva, que ultrapasse a formalidade política e se conecte às lutas populares, à resistência constante e à transformação social. Em sua análise crítica das democracias contemporâneas, especialmente a dos Estados Unidos, Davis destaca as falhas estruturais desses sistemas em garantir igualdade e justiça às populações marginalizadas<sup>7</sup>, principalmente nos aspectos do sistema carcerário. Ela argumenta que a verdadeira democracia deve ser construída a partir das bases, conectando-se diretamente às necessidades e demandas das comunidades excluídas.

No contexto da recuperação de autoras mulheres esquecidas pela história, Davis destaca a importância da feminista brasileira Lélia Gonzalez, cujo legado ganhou ampla visibilidade tanto nas redes sociais quanto nos ambientes acadêmicos. Ela ressalta que esse reconhecimento ampliou o acesso à obra de Lélia, que antes era conhecida por um grupo seletivo. Davis enfatiza que aprendeu mais com Lélia Gonzalez do que possivelmente aprenderemos com ela, sublinhando que Lélia já traçava caminhos para a interseccionalidade muito antes de o conceito se popularizar.

Além disso, Davis cita outras figuras fundamentais do feminismo negro no Brasil, como Marielle Franco, Luiza Bairros e Carolina Maria de Jesus, reafirmando o papel dessas mulheres na construção de um movimento que busca reconectar a democracia à luta por liberdade e justiça. Para ela, as democracias atuais falham em atender às necessidades dos mais desfavorecidos, muitas vezes tratando as desigualdades como questões individuais sem

---

<sup>7</sup> Tais como as pessoas negras, quilombolas, indígenas, LGBT+.

relação aos racismos estruturais.

Davis também aborda o seu trabalho nos presídios, enfatizando que a estrutura do policiamento está profundamente enraizada no racismo estrutural. Ela aponta que esse racismo afeta, sobretudo, pessoas das comunidades mais pobres, perpetuando um ciclo de violência estatal. Muitas vezes, pequenos delitos são transformados em grandes infrações criminais, resultando na privação de liberdade para os mais vulneráveis.

Neste contexto, Davis alerta para a relação entre o sistema capitalista e o racismo, o que torna necessário criticar este sistema para além dos seus aspectos democráticos e atacar as raízes destas opressões. Para Davis, resistir a esta violência deve-se desenvolver ações por meio de movimentos sociais e mudanças dos sistemas jurídicos e políticos que sustentam essas injustiças. Ela propõe, portanto, a construção de uma nova visão de justiça, que é muito importante para a libertação dos povos mais marginalizados.

Patricia Hill Collins apresenta cinco ideias centrais que sintetizam suas contribuições no debate sobre democracia e justiça social. O primeiro ponto é a abordagem de seu livro *Pensamento Feminista Negro*, que serve como um marco para a reflexão sobre as experiências das mulheres negras. Collins constrói um espaço de análise que conecta as vivências individuais à realidade coletiva, promovendo uma compreensão mais ampla e significativa das opressões vividas nesta sociedade.

No segundo ponto, Collins estabelece um diálogo entre os conceitos de violência e liberdade, destacando o impacto que estes termos têm nas comunidades afro-americanas. Ela argumenta que os sistemas autoritários, capitalistas e neoliberais são responsáveis por grande parte da violência que afetam não apenas os corpos, mas também as relações interpessoais e as dinâmicas dentro das comunidades negras. Essa violência, por sua vez, é um grande obstáculo à liberdade, tanto no sentido coletivo quanto individual.

A interseccionalidade surge como um terceiro ponto e ela enfatiza como as desigualdades sociais estão interligadas e precisam ser abordadas em todos os níveis que constituem a desigualdade, tais como raça, gênero, classe e sexualidade. Esta perspectiva multidimensional é fundamental para compreender e combater as opressões sistêmicas de forma eficaz.

O quarto ponto a ser considerado é a ação política como uma estratégia necessária para a sobrevivência, especialmente em contextos de opressão. Collins oferece uma visão não linear e prática desta ação, reconhecendo que se pode assumir formas diversas e inesperadas, mas sempre resulta em resistência e na necessidade de transformações.

Por fim, o quinto ponto centra-se nas políticas formais e nos desafios do enfrentamento a estas estruturas. Collins explora como reequilibrar as dinâmicas de poder que podem ser reconfiguradas a partir do empoderamento das comunidades marginalizadas, abrindo espaço para novas oportunidades de resistência e transformação.

Silvia Federici oferece uma perspectiva crítica e assertiva ao discutir os impactos do capitalismo e do neoliberalismo na vida das diversas mulheres e das comunidades marginalizadas. Através das suas respostas, ela discute como o capitalismo não apenas explora os recursos materiais, mas também controla e submete os corpos femininos ao trabalho reprodutivo. Explicando que o trabalho não remunerado realizado pelas mulheres no âmbito doméstico é uma das bases mais invisibilizadas e que sustentam o sistema capitalista global.

Esta abordagem nos leva a refletir sobre como a opressão de gênero está profundamente entrelaçada com as estruturas econômicas contemporâneas. Outro ponto central em seus apontamentos é a conexão entre a violência contra as mulheres e os processos históricos de acumulação de capital gerados pelo sistema econômico capitalista.

Federici menciona que desde o nascimento do capitalismo, a violência foi utilizada como ferramenta para subjugar corpos e comunidades. Esta análise histórica demonstra que a subjugação das mulheres e a exploração colonial estão intrinsecamente ligadas, criando estruturas de poder que permanecem até os dias atuais. E esta violência é mantida e reforçada por políticas neoliberais que desmantelam as redes de solidariedade comunitária, colocando ainda mais peso sobre as mulheres.

Silvia Federici busca enfatizar a importância da luta coletiva e da resistência organizada contra estas estruturas de opressão. Defendendo que os movimentos feministas precisam se conectar em lutas mais amplas, como as questões referente à privatização de bens comuns e a destruição ambiental. Para ela, essas questões estão interligadas, e a verdadeira emancipação feminina só será possível através da união das agendas de gênero, raça e classe, combatendo o capitalismo em todas as suas formas.

A sua análise aponta para a necessidade de reconstruir as relações sociais com base na solidariedade e no cuidado coletivo, desafiando os valores competitivos impostos pelo sistema atual. Destacando também sobre o papel das mulheres na construção de alternativas ao capitalismo, destacando o protagonismo feminino nos movimentos sociais e em iniciativas que buscam criar formas sustentáveis e mais equitativas de organização social.

Federici acredita que esses exemplos práticos de resistência são importantes para

imaginar e construir um futuro diferente. As suas respostas nos desafiam a repensar as estruturas e os fundamentos da nossa sociedade, colocando as mulheres e as suas lutas no centro das transformações necessárias para a criação de um mundo mais justo e solidário.

Patricia Hill Collins e Silvia Federici abordam a temática do trabalho feminino e doméstico nas suas entrevistas de formas críticas e reflexivas, destacando como essas formas de trabalho são frequentemente esquecidas e desvalorizadas na sociedade. Elas discutem como o trabalho doméstico, tradicionalmente realizado por mulheres, especialmente mulheres negras, é uma forma de exploração econômica e social. Ambas autoras, mesmo partindo de contextos teóricos e históricos distintos, convergem na crítica ao capitalismo e na valorização do trabalho invisível das mulheres.

O diálogo entre suas perspectivas enriquece a compreensão das complexas dinâmicas de gênero e trabalho, oferecendo uma análise interseccional da opressão e resistência feminina. Enquanto Collins enfatiza a importância das experiências e estratégias de resistência das mulheres negras, por meio de uma perspectiva interseccional, Federici foca na teoria marxista, indagando como o trabalho reprodutivo das mulheres ainda é explorado pelo sistema capitalista.

Collins também explora a resistência e a autodefinição das trabalhadoras domésticas, mostrando como elas desenvolvem estratégias para manter sua dignidade e valor em meio às condições desafiadoras. Ela enfatiza a importância de se reconhecer e valorizar o trabalho doméstico como uma parte crucial da economia e da sociedade, e como a luta contra a opressão está intrinsecamente ligada à valorização desse trabalho.

Federici, por sua vez, faz uma conexão entre a perseguição histórica das mulheres acusadas de bruxaria e a criminalização da sexualidade feminina, mostrando como essas práticas são utilizadas para disciplinar e controlar os corpos das mulheres. Ela também responde a alguns questionamentos em relação à luta pelo direito ao aborto no Brasil, ressaltando que, por sermos um país muito religioso, isso contribui para o enfraquecimento dessa pauta política. Além disso, ela vai além e critica as políticas e campanhas lideradas por instituições religiosas contrárias ao aborto, vendo o mesmo como um ataque aos direitos femininos, visto que a defesa se dá apenas quando há feto no útero e não há nenhuma resistência ou importância quando o bebê nasce.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Gostaríamos de ressaltar que essas três autoras são potências para os estudos não só das perspectivas de gênero, mas também sociais, sendo necessárias na atuação de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Elas são essenciais não só nas suas áreas de formação, como filosofia e sociologia, mas em todos os campos das humanidades. Como exemplo disso, temos Angela Davis discutindo os movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos e sendo uma grande defensora da abolição das prisões. Temos Patricia Hill Collins, que é conhecida por sua contribuição significativa ao conceito de interseccionalidade e por sua influência como educadora. E a Silvia Federici, uma importante voz no feminismo marxista.

A pergunta que abre esta obra, 'Democracia para quem?', segue nos acompanhando em nossas reflexões, mas, certamente, após esta leitura e com as contribuições das intelectuais, somos desafiados por novos arcabouços críticos e reflexivos. Assim, somos levadas a reexaminar o conceito de democracia, sua aplicabilidade e a sua função em nossos contextos sociais e de estudos.

Entendemos que elas são três intelectuais que possuem participação ativa na sociedade, contribuindo significativamente para a construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária. Suas ideias e publicações têm inspirado movimentos sociais ao redor do mundo e continuam a moldar os debates acadêmicos e as políticas públicas, ampliando o discurso acadêmico e incluindo vozes frequentemente marginalizadas.